

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES
PROF. ARTES

NÚBIA DE SOUSA SILVA

**Um artista na escola e uma visita ao parque:
Experiências em educação e arte por meio do desenho.**

UBERLÂNDIA
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES
PROF. ARTES

NÚBIA DE SOUSA SILVA

**Um artista na escola e uma visita ao parque: Experiências em educação e arte
por meio do desenho.**

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), como requisito à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional em Artes, linha de pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes. Área de concentração: Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Fonseca.

UBERLÂNDIA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586a
2022 Silva, Núbia de Sousa.
Um artista na escola e uma visita ao parque [recurso eletrônico] :
experiências em educação e arte por meio do desenho / Núbia de Sousa
Silva. - 2022.

Orientador: Fabio Fonseca.
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.7037>
Inclui bibliografia.

1. Artes. I. Fonseca, Fabio, , (Orient.). II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES). III.
Título.

CDU: 7

Glória Aparecida
Bibliotecária Documentalista - CRB-6/2047



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Colegiado do Programa de Pós-Graduação PROFARTES
 Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1V - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4522 - mprofartes@iarte.ufu.br - www.iarte.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Artes				
Defesa de:	Mestrado Profissional, PROFARTES				
Data:	28 de fevereiro de 2023	Hora de início:	19: 30	Hora de encerramento:	21:30
Matrícula do Discente:	12112MPA013				
Nome do Discente:	Núbia de Sousa Silva				
Título do Trabalho:	Um artista na escola e uma visita ao parque: Experiências em educação e arte por meio do desenho.				
Área de concentração:	Ensino de Artes				
Linha de pesquisa:	Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A SOBREVIVÊNCIA DAS IMAGENS: MEMÓRIA, MODELOS E CÂNONES				

Reuniu-se remotamente via Plataforma Mconf, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Artes, assim composta: Professores Doutores: Daniel Santos Costa, Fábio Purper Machado e Fabio Fonseca orientador da candidata.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Fonseca, Presidente**, em 03/03/2023, às 10:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Santos Costa, Usuário Externo**, em 03/03/2023, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Purper Machado, Usuário Externo**, em 05/03/2023, às 11:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4288604** e o código CRC **668C5C1A**.

NÚBIA DE SOUSA SILVA

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), como requisito à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional em Artes, linha de pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes. Área de concentração: Artes Visuais.

Banca de avaliação

Prof. Dr. Fábio Fonseca

Orientador

Prof. Dr. Daniel Santos Costa

Membro

Prof. Dr. Fábio Purper Machado

Membro

UBERLÂNDIA

2022

RESUMO

Esta pesquisa contribui quantitativamente para o ensino com qualidade uma vez que oferece conhecimento sistematizado e congruente à política pública da educação, embasado na afirmativa de que o ensino da Arte serve de instrumento auxiliar na formação de pessoas conscientes de seu dever e direito na sociedade, através da metodologia qualitativa, mediadora que incentiva o aluno a construir conhecimentos teóricos e práticos acerca da produção artística. A perspectiva da dinâmica em sala de aula a fim de aguçar o lado artístico do aluno bem como de promover a decolonialidade de pensamentos e ideias foi alcançada ao se colocar em prática o projeto artistas na escola, com a participação do artista plástico Sinval. O efeito observado após o contato proximal entre alunos e artista foi significativa no que tange a criatividade individualizada e baseada em experiências e sentimentos tendo no desenho a principal ferramenta de aprendizado e expressão. A disciplina da arte na escola não tem apenas a finalidade de entretenimento ou descontração dos alunos, e sim de instrumento para resolução de problemas abstratos matemáticos, para registros botânicos, nas construções cartográficas, mesmo que os avanços tecnológicos tenham modernizado tais conteúdos. Desse fato insurge que educar é uma ação holística e complexa, que acontece de dentro para fora, ou seja, a partir da percepção do estudante para com tudo que está a sua volta. Portanto, a ação educativa está presente em todos os espaços e a todo momento.

Palavras chave: Ensino. Arte. Artista. Desenho. Decolonialidade.

ABSTRACT

This research quantitatively contributes to quality teaching since it offers systematized knowledge that is consistent with public education policy, based on the assertion that the teaching of Art serves as an auxiliary instrument in the formation of people aware of their duty and right in society, through of the qualitative methodology, a mediator that encourages the student to build theoretical and practical knowledge about artistic production. The perspective of dynamics in the classroom in order to sharpen the artistic side of the student as well as to promote the decoloniality of thoughts and ideas was achieved by putting into practice the project artists at school, with the participation of the plastic artist Sinval. The effect observed after close contact between students and artist was significant in terms of individualized creativity based on experiences and feelings, with drawing being the main tool for learning and expression. The discipline of art at school is not only intended to entertain or relax students, but rather as a tool for solving abstract mathematical problems, for botanical records, in cartographic constructions, even if technological advances have modernized such contents. From this fact, it emerges that educating is a holistic and complex action, which happens from the inside out, that is, from the student's perception of everything around him. Therefore, the educational action is present in all spaces and at all times.

Keywords: Teaching. Art. Artist. Design. Decoloniality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Artista plástico Sinval de Carvalho com os alunos do ensino fundamental durante apresentação na escola -----	23
Figura 2 – Rádio local cobrindo a aula -----	23
Figura 3 – Sinval acompanhando a produção artística dos alunos -----	23
Figura 4 – Exposição das esculturas produzidas pelos alunos do ensino fundamental -----	24
Figura 4 – Desenho da cidade de Mineiros, Goiás -----	26
Figura 6 – Técnica de Frotage – formas e cores -----	27
Figura 7 – Poéticas e desenho, do aluno Luiz Eduardo -----	28
Figura 8 – Desenho bidimensional dos alunos do ensino fundamental ---	29
Figura 9 – Os retirantes do artista Cândido Portinari -----	35
Figura 10 – Abertura da mostra a Tucumán Ande nas salas da CGTA ---	37
Figura 11 – Nuestro norte es el sur – América invertida. De Joaquim Torres Garcia -----	37
Figura 12 – Exemplar da fauna nativa do parque Nacional das Emas e desenho dos alunos do ensino fundamental -----	40
Figura 13 – Parque Nacional das Emas, Mineiros, estado de Goiás -----	42
Figura 14 – Demonstração artística dos alunos de ensino fundamental utilizando-se do desenho para expressar a percepção individual do Parque das Emas -----	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: A arte como protagonista na carreira docente -----	7
1.1. PROBLEMA -----	10
1.2. JUSTIFICATIVA -----	11
1.3. OBJETIVOS -----	12
1.4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: o ensino da arte sob a ótica artística -----	13
2. PROJETO ARTISTA NA ESCOLA -----	20
3. DESENHOS: UMA FORMA DE ENSINAR E APRENDER A ARTE -----	26
4. DECOLONIZANDO O ENSINO DA ARTE NA ESCOLA -----	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	49
ANEXO -----	54
Anexo 1 – Planejamento semanal de aula -----	55

1. INTRODUÇÃO: A ARTE COMO PROTAGONISTA NA CARREIRA DOCENTE

Resultante da minha experiência como docente no ensino da Arte, a ideia para o desenvolvimento desse projeto de pesquisa é fruto da formação profissional que tracei ao longo da minha carreira, a saber Arte em Educação, cursado em 2009 pela UNIFIMES e Artes Visuais, cursada em 2011 pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e representa o ponto crucial para que eu pudesse buscar melhores práticas de ensino na área de Arte durante o processo ensino-aprendizado por mim planejado.

O pressuposto determinante para o contexto acima está na minha inquietação em estabelecer projetos significativos que possam me auxiliar no ensino das artes visuais nas turmas de ensino básico. Dessa forma, fazer parte do programa de pós-graduação em Artes na área de artes visuais teve um papel motivador e essencial para que pudesse dar continuidade ao meu aprendizado bem como proporcionou minha qualificação e aperfeiçoamento enquanto docente.

Visando estabelecer uma pesquisa sistematizada e congruente à política pública da educação, tem-se nesse projeto o efeito de contribuir quantitativamente para o ensino com qualidade, buscando um conhecimento estético na Arte, trabalhando com projetos nas escolas em que sou colaboradora da educação, em destaque a Escola Municipal Maria Eduarda Condinho Filgueiras, em Mineiros, Goiás.

Sendo docente percebi que existe uma lacuna a ser preenchida nessa escola, como, por exemplo, a escassez de materiais didáticos e para didáticos que possam auxiliar a desenvolvimento da metodologia de ensino nas alas de aulas. Não ter autonomia no planejamento escolar é outro fator que necessita ser discutido não apenas com coordenadores das escolas como também com os representantes da Secretaria Municipal de Ensino. Essa autonomia possibilita que o professor utilize das ferramentas disponíveis e elabore, paralelamente, os conteúdos a serem desenvolvidos na sala de aula, possibilitando que o aluno assimile o conhecimento de maneira prática, em sua maioria.

O ensino de Artes é, por vezes, negligenciado pela instituição uma vez que percebi, em virtude de minha experiência, que a estrutura escolar é bastante caótica, não oferece o espaço adequado ao profissional, o material escolar é

insuficiente para a quantidade de alunos e para a elucidação do conteúdo. Por esse motivo acredito, e até afirmo, que a Arte se torna uma matéria escolar de segundo plano, que auxilia na formação do indivíduo.

Consideramos o desenho e a criatividade um potencial inerente ao homem, é uma necessidade da realização. Torna-se necessário que nosso aluno rompa fronteiras e alargue os limites de determinadas práticas artísticas, levando-se em consideração suas potencialidades de ser único dentro do seu contexto cultural.

Segundo Subtil (2016), a manifestação consciente e social do ser concretizada na prática artística, compreende o desejo do ser humano em transcender o que o cerca. Assim, consegue demonstrar, subjetiva ou objetivamente, através de sua imaginação e criatividade, o que Subtil (2016) denomina como razão-emoção.

Ou seja, através da Arte é possível dar formas ao sentimento, à razão e à emoção, sem que haja, nesse processo, preocupação com a estética ou com o padrão de produção. É o que esclarece Subtil (2016, p.208) ao considerar que há diferença entre o “fazer com arte”, que é a finalização de um trabalho realizado com maestria e perfeição, de “fazer arte”, em que se espera uma produção artística resultante de seus sentidos.

A Arte, enquanto pertinente à grade curricular das diretrizes básicas da educação brasileira, desfrutou de diferentes nomenclaturas bem como de fases conceituais, integrando, da mesma maneira, diversos desdobramentos de metodologia de ensino frente à abordagem de aprendizado, explica Silva (2020). O período modernista foi marcado pela espontaneidade à expressão, destaca Silva (2020, p.89) visto que “a imagem era negligenciada e as relações emocionais prevaleciam sobre exercícios e experiências artísticas”, uma vez que a arte era trabalhada conforme o educando a visse, em sua originalidade.

E, a fase Pós Moderna foi determinada pela oposição do modernismo frente ao ser crítico e responsivo, pois a abordagem contextual, no pós modernismo, se fundamenta na tríade: ler, fazer e contextualizar, proposta triangular de Ana Mae Barbosa, em que o educando é conduzido à sistemática artística embasado no processo pedagógico integrador, em que fazer arte, juntamente com a análise crítica do seu entorno integram o progresso de formação

de indivíduo único, crítico, reflexivo e dialógico no contexto sociocultural (SILVA, 2020).

Tendo em vista a realidade escolar na qual participo, percebo o quanto é falho o ensino da Arte. A escola Maria Eduarda recebe estudantes de diversos locais do mundo, cuja maioria pertence às classes sociais menos favorecidas. São alunos de vários grupos étnicos, nacionalidade, cultura; nesse sentido considero essencial que a didática escolhida seja integradora, para que todos os alunos possam contribuir com o aprendizado, por meio do componente curricular de artes visuais, bem como acredito na importância de se trabalhar a decolonialidade com os alunos, utilizando das diversas culturas como parte integradora do processo de ensino, somando aos artistas contemporâneos outros locais que possam contribuir com o conhecimento do aluno.

Com base no que foi exposto e na minha aceitação de que o ensino da Arte pode ser um instrumento auxiliar na formação de pessoas conscientes de seu dever e direito na sociedade, minha proposta nessa pesquisa é aplicar a metodologia qualitativa, mediadora que incentive o aluno a construir conhecimentos teóricos e práticos acerca da produção artística. Entretanto, existem alguns pontos pertinentes para serem discutidos: a problemática dos professores que ministram aulas de arte não terem formação, a didática e o planejamento das aulas serem determinadas pela coordenação e conseqüentemente dificultando a conjectura do professor na sala de aula e, por fim, a falta de incentivo para que os conteúdos ministrados em aula possam integrar a realidade do aluno em seu meio social.

O arte-educador, que vivencia o ensino da arte como potência expressiva e poética, dificilmente incorrerá em erros grosseiros de interpretação e avaliação de uma produção artística realizada por alguma criança. Nessa direção, escolhemos trazer o artista Sival de Carvalho Fonseca para a escola, com uma proposta didática distribuída em várias aulas divididas por blocos, sendo uma pesquisa qualitativa e bibliográfica em um projeto alinhado às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹. O trabalho se delimita ao terceiro ano do

1. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BNCC, 2018, p.07. Grifo do autor).

ensino fundamental (3º G), da escola pública Escola Municipal Maria Eduarda Condinho Figueiras, em Mineiros-Goiás.

Com o intuito de aprofundar na discussão sobre as experiências prático-pedagógicas, que tive na graduação e que influencia na minha carreira docente, apresento no primeiro capítulo minha trajetória pessoal de experiências enquanto aluna e professora, e de como essas experiências me levaram às pesquisas em Arte no mestrado. O segundo capítulo traz como discussão o artista na escola, a partir do projeto desenvolvido com o artista local Sival de Carvalho, cuja metodologia de ensino da Arte para educação infantil está na produção de esculturas e desenhos.

No terceiro capítulo apresento uma reflexão sobre a importância dos projetos pedagógicos, a forma de se ensinar e aprender com a Arte, com reflexões sobre minhas práticas enquanto professora de Arte, o porquê da escolha do tema e a proposta da construção didática embasadas em metodologias significativas e criativas.

Na quarto capítulo discute-se a decoloneidade do ensino da arte nas escolas, um movimento que tem a finalidade de semear a pluralidade e democratização nas escolas pois incita em mudança na grade curricular da pedagogia. Com a nova contextualização do ensino, subentende-se que o ensinar se dá em todo lugar, não apenas na sala de aula e, nesse ponto, tem-se como referência o conhecimento do bioma local, uma vertente diferente, em que aproxima os alunos com a natureza que, em Mineiros, pode ser feito no Parque das Emas, Goiás.

1.1.PROBLEMA

Por meio de experiências já vivenciadas como estudante, e depois como professora de arte no Ensino Fundamental e no Ensino Médio há vinte e um anos, surgiram várias inquietações com relação às práticas do ensino da Arte em sala de aula no que tange a falta de formação de professores na área específica, a demanda de trabalho excessiva, não valorização da disciplina enquanto de consciência e opinião e falta de estrutura adequada para que as aulas aconteçam.

Então faz-se necessário utilizar novas metodologias pedagógicas que possam orientar o aluno no aprendizado da arte, bem como faz-se necessário que o professor aguçe seus sentidos e amplie sua criatividade e leve ao aluno formas, texturas, objetos, sons que atinjam o interesse individual em sala de aula e abranjam o conhecimento no coletivo. Uma prática pertinente é alinhar projetos com artistas locais e práticas pedagógicas no contexto escolar.

Dessa forma, o professor pode fugir daquela negação constante em sala de aula: “eu não sei desenhar!”. Ou então quando não sabem desenhar, pedem um modelo pronto. Esses referidos alunos até criam, mas apresentam certa resistência em fugir dos estereótipos, pois as aulas de arte não buscam na sua interdisciplinaridade um contexto artístico que realmente tenha significado.

As Artes Visuais como disciplina no ensino básico brasileiro, ainda hoje, apresentam uma carência muito grande no tocante às suas práticas e abordagens. Apesar de o desenho se configurar como elemento importante nas aulas de arte, a carência do conhecimento e aprofundamento da dinâmica ainda se faz presente no ensino uma vez que a forma como são explorados por professores e alunos não são compreendidas no seu sentido mais amplo.

O ensino da Arte vai além do desenho e das cores, ele contribui significativamente para a formação pensante e crítica do aluno e o auxilia no entendimento da sociedade e nas particularidades do ser social e sociável. Portanto, é preocupante o descuido tanto dos professores e diretores quanto dos políticos e diretrizes de ser o entretenimento da grade curricular, o momento de descontração em meio a tantas exigências de aprendizado. Sua existência no currículo contribui para uma formação plena do aluno.

O conhecimento da Arte é tão importante quanto qualquer outra disciplina e é preciso ser vista como tal por todos os envolvidos na formação pedagógico dos nossos alunos. Não observar a necessidade de mudanças na metodologia de ensino é negar aos alunos a formação crítica e pensante enquanto um ser envolvido em um contexto sociocultural.

1.2.JUSTIFICATIVA

Desenhar é projetar com os olhos, com o corpo, com as mãos, com a mente, com nossos desejos. O nosso corpo como um todo é capaz de desenhar, e desenhamos mesmo que não tenhamos consciência disso. Desenhamos com os olhos, selecionamos pontos de vista, com o olhar. Com relação ao ensino fundamental, as crianças evidenciam desde cedo o seu mundo fantasioso, e fazem disso o seu domínio refletindo continuamente suas impressões estabelecendo relações afetivas e cognitivas, com isso sentem a necessidade de representar o vivido através dos desenhos e, assim, estabelecem relações subjetivas.

Para Trinchão (2019, p.34) o ato de desenhar, enquanto alusão ao ato primário, aquele que se dá de maneira rudimentar, sem considerações artísticas ou manejos profissionais, é um campo de conhecimento prático, “e diz respeito à construção e utilização como linguagem adquirida pela interação e observação do indivíduo com o mundo, experiência e vivência”.

Quantas vezes você já disse ou ouviu essa sentença? “Professora eu não sei desenhar”. Essa é a frase mais comum quando se pede a alguém para fazer um desenho. A pessoa que afirma não saber desenhar, é a mesma que não vivencia ao seu redor a arte do seu próprio cotidiano. Mostra-se necessário e essencial que os alunos possam ter a possibilidade de desenvolver sua sensibilidade estética, artística e criativa.

A Arte está no currículo escolar desde 1971, normatizada pelas Leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)² e desde então os resultados obtidos estão muito aquém do esperado, uma consequência direta da falta de disponibilidade de professores com formação específica bem como à inexistência de políticas públicas e programas que incentivem a Arte nas escolas. E, ainda assim, é cobrado dos professores a versatilidade no ensino, que saibam e saibam ensinar dança corporal, artes plásticas, artes cênicas. No entanto, os professores ficam à deriva de um sistema educacional falho e limitado.

Dessa forma, essa pesquisa busca por metodologias diferenciadas que possam inovar o ensino da Arte no contexto escolar, contribuindo para a melhorias e mudanças necessárias no ensino da arte, além do papel desempenhado pelo docente, produzindo material didático que sirva de ferramenta de pesquisa, com

² LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei n.9.394, sancionada em 1996, e que regulamenta e normatiza o ensino no Brasil pelo poder público do Ministério da Educação e do Desporto.

uma sequência didática que auxiliará os professores de Artes em suas práticas mediadoras.

1.3.OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar de que maneira o ensino da arte para os alunos do terceiro ano Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria Eduarda Condinho Filgueira, por meio do projeto artistas na escola, em Mineiros-Goiás, teve contribuição significativa para os alunos no que tange a criatividade, incentivando-os a terem uma visão crítica às imagens e a cultura visual que os envolve.

Objetivos Específicos

Desenvolver a sensibilidade estética.

Experimentar diferentes formas de produção artística utilizando diferentes materiais.

1.4.REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: O ENSINO DA ARTE SOB A ÓTICA ARTÍSTICA

A disciplina da arte na escola não pode ter apenas a finalidade de entreter ou de descontrair os alunos, como ainda se tem visto na programação curricular de muitas instituições de ensino. Trinchão (2019, p.34) elucida que o ensino da Arte, tendo no desenho seu personagem principal, se associa a outras disciplinas como História, Matemática. Geometria, Física, Química, Biologia, pois este (o desenho) “serviu de instrumento para resolução de problemas abstratos matemáticos, para os registros botânicos, nas construções cartográficas”, mesmo que os avanços tecnológicos tenham modernizado tais conteúdos.

De acordo com Quintanilha (2012), a desvalorização didática do ensino da arte acontece por três fatores, primeiro por parte dos professores, os quais não são motivados à capacitação e à busca por novas metodologias de ensino, segundo, por

parte dos alunos, que não compreendem seu valor de potencializadora das capacidades cognitivas e terceiro por parte dos governantes através de políticas públicas voltadas para a educação.

Essa visão corrobora para um novo jeito do fazer educativo. Ao perceber que educar é uma ação holística e complexa, que acontece de dentro para fora, ou seja, a partir da percepção do estudante para com tudo que está a sua volta, é possível reconstruir e possibilitar ao sujeito novas maneiras de existir. Portanto, a ação educativa está presente em todos os espaços e a todo momento, e cabe ao docente usar o prazer do aprendiz em crescer o conhecimento (ROCHA, 2021).

Trinchão (2019, p.35) faz uma análise entre a educação e o desenho e considera que o último tem papel social relevante “na formação pessoal e profissional do sujeito”, uma vez que ensina, instrui, disciplina e aprimora o indivíduo, tanto no espaço escolar formal como no paradigma cultural para que, enquanto coletivo, possa “transformar a sociedade. O desenho, como campo de conhecimento, saber e linguagem, cuja teoria e a prática é capaz de reeducar o corpo, a mente e os sentidos”.

Refletindo sobre o desenho e sua importância nas escolas, é possível descrever o apontamento de Derdyk, (2020, p.26), “o desenho é linguagem e enquanto linguagem é acessível a todos”. Ou seja, o desenho possui uma natureza específica, particular a todos, e deve ser expressiva em seu contexto mais íntimo e experimental. Como descreve Quintanilha (2012, p.10) ao considerar que

A busca do “belo ideal” preconizado por Platão, a perspectiva perfeita de Leonardo da Vinci ou a expressão máxima dos sentimentos na “Liberdade guiando o povo” de Delacroix mostram que a leitura de uma obra retrata muito mais do que uma simples pintura: retrata a vida, o sentimento do povo, um momento importante da história. “Guernica”, de Pablo Picasso, é um exemplo marcante do grito de revolta contra os horrores da guerra; e “A fonte”, de Duchamp, um repensar sobre a própria definição de arte.

Assim como todos os artistas por Quintanilha (2012) citados e tantos outros, famosos ou anônimos, cada aluno tem o seu estilo de desenhar e sua maneira própria de expressar os sentimentos, as experiências, os pensamentos, ao comunicar uma ideia. Seja por meio de uma imagem, de um signo, utilizando-se dos mais variados suportes: papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano; e dos mais variados instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico de pena, vareta, pontas de todas as espécies.

Toda criança desenha. Tendo um instrumento que deixe uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias. Desenhando, cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidosos seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. Lúdico. A criança desenha para brincar. O desenho como possibilidade de lançar-se para frente, projetar-se (MOREIRA, 1991, p.15).

Segundo Moreira (1991), a criança desde pequena usa qualquer espaço de seu cotidiano para suas criações artísticas, e faz isso sem seguir um ensino sistematizado e ordenado. O que se pode perceber é que no ato de desenhar, pensamento e sentimento estão juntos. O desenho como possibilidade de brincar, o desenho como possibilidade de falar, marca o desenvolvimento da infância, pois a criança é um ser em contínuo movimento.

Subtil (2016, p.207) revela ainda que a prática artística é uma manifestação consciente e social, traduzida pela necessidade humana de transcender tudo que o cerca sendo essa a condição para “experimentar a imaginação e a intuição sem dicotomizar a razão-emoção”. Nesse sentido, é possível afirmar que a arte potencializa as “forças essenciais do homem, mediante a produção de obras que o expressam, que falam dele e por ele”.

Nesse sentido, Dewey (2010, p.21) correlaciona a arte à estética de maneira íntima, pois, para o autor, para criar qualquer obra é preciso que tanto sensibilidade quanto paixão do artista estejam envolvidos; ao fazer arte ele está lapidando e dando forma a sua imaginação e ao seu poder criativo. Por conseguinte, afirma que a arte pertence aos domínios da vida do homem comum. Derdyk (2020, p.11) corrobora com a afirmação ao explicar que “a vivência é a fonte de crescimento, o alicerce da construção de nossa identidade. Fornece um leque de repertório, amplia a possibilidade expressiva.”

Pressupõe-se, portanto, que fazer arte é uma ação particular, resultado dos sentidos, história, cultura, e tem por finalidade projetar a sensibilidade do indivíduo nas produções artísticas, pois “trabalha a mente, a mão, os sentidos no despertar do bom gosto estético, para dar visualidade, socializar o imaginado. Determinam a interrelação do indivíduo com o grupo ao qual pertence”, lembrando que são ideais oitocentistas, vinculadas à industrialização com o objetivo simples e claro de formação técnica de mão de obra (TRINCHÃO, 2019, p.36).

Quintanilha (2012) discorre que o ensino da arte proporciona ao aluno não apenas o desenvolvimento cognitivo, considera, a autora, que a arte conecta o aluno à realidade social e cultural a que pertence promovendo transformação da realidade através de novos olhares, novas soluções e a desconstrução de conceitos enraizados na cultura humana. Fatores que contribuem para a formação de um cidadão crítico, consciente e participativo.

A metodologia de aprendizagem escolhida pelo professor representa uma das maneiras de construir significados, de repassar a informação, de auxiliar o aluno na compreensão de conhecimento e de reforçar a sua inserção no meio em que vive, uma vez que a assimilação do conhecimento leva ao encontro de interesses sociais, formas de poder, de experiência, que têm sempre um significado cultural e político, exemplifica Werneck (2013). Conforme Ferraz e Fusari (2009, p.85)

Compreender o processo de aquisição do conhecimento da arte pela criança significa mergulhar em seu mundo expressivo, por isso, é preciso procurar saber por que e como ela o faz. A criança exprime-se naturalmente, e se comunica tanto do ponto de vista verbal, como plástico, musical ou corporal, e sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo e comunicativo da criança percebe-se que ele resulta das elaborações de sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente. Por isso, quando ela desenha, pinta, dança e canta, o faz com vivacidade e muita emoção. As aulas de Arte constituem-se em um dos espaços onde as crianças e jovens podem exercitar suas potencialidades perceptivas, imaginativas ou fantasiosas.

Toda pessoa realiza arte quando tem uma experiência singular dotada de característica estética; quando vivencia um processo que, a despeito de suas diferentes partes constitutivas, alcança uma unidade enriquecida de significados, capaz de fornecer a sensação de ter explorado ao máximo todas as possibilidades de ação. Uma refeição, banho, a escuta de uma história, o encontro com um amigo-coisas assim tão simples são experiências com qualidades estéticas e artísticas quando sensibilizam os indivíduos, os conduzindo a se envolverem em atividades mentais e corporais, até alcançarem um desfecho.

Nesse contexto, o desfecho pode ser expressado no teatro, na dança, na pintura, no desenho, no conto de fadas, momentos em que as crianças concretizam seus sentimentos e pensamentos através dos quais se comunicam e transformam a vida na relação com a arte. Entretanto, atualmente percebemos, através de pesquisas realizadas por Dewey (2010); Quintanilha (2012) e Piaget (2011), bem como por meio

de contato com crianças de Educação infantil e anos iniciais (pelos estágios que o curso oferece), que o ensino da arte nas escolas continua interligado ao simplismo, não considerando as experiências enraizadas na criança, o que causa preocupação e faz com que criemos uma série de questionamento, buscando perceber qual o ponto de vista dos professores em relação a esta disciplina (FREITAS, 2014) .

O vivenciar, o interagir se revela a cada desenho. A criança está integralmente presente em tudo o que faz, principalmente quando existe um espaço emocional que o permite. Existe um pensar por traz de o seu fazer, por traz de suas pequenas operações. Como subir e descer uma escada, balançar insistentemente um chocalho, amassar um papel. A criança vivencia, organiza, operacionaliza, elabora, projeta, constrói, destrói em busca de novas configurações. O caos e a ordem se alternam, coordenado e significativo (DEWEY, 2010, p.554).

Destarte, o encantamento de ensinar a arte primeiramente vem do professor, para depois o aluno se sentir encantado com a aula, esse olhar é importante, pois este vai ter a certeza de que de fato aquela aula fez toda a diferença em sua vida, e é tão importante no aluno quanto no professor, aprender a olhar.

As artes visuais sempre foi minha paixão, mas não sabia como ia passar aos educandos a poética daquela obra de arte, daquela música, daquela peça teatral, daquela dança, apesar de não ter formação nas outras linguagens, me sinto responsável em despertar essa poética, e levar o aluno a poetizar, a fruir e conhecer todas as artes. Nutrir esteticamente o olhar é alimentá-lo com muitas e diferentes imagens provocando uma percepção mais ampla da linguagem visual (TEIVELIS, 2016, p.10).

Rocha (2021) considera que a intervenção pedagógica deve contribuir na formação do professor, de modo que possa desenvolver suas próprias capacidades de aprender e ensinar e que encontre um ressignificado para o método educativo para que aprenda a aprender e ensine a ensinar. A partir de então, ocorre a validação de uma era de autonomia dos educandos bem como uma mudança na figura do professor. Fayga Ostrower, em seu livro “Criatividade e Processos de Criação”, coloca que:

[...] Criar é basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER.2014, pág.9)

Ao analisar uma obra de Arte (dança, música, peça de teatro, apresentação circense, escultura, construção, tela, um grafite, apresentação de hip hop, indumentária indígena, entre outras), como mediadora de aprendizagens, a professora tem o papel de provocar em seus alunos a percepção da força representativa da peça, suas identidades, a resiliência que ela representa, por fim, mostrar o papel social das Artes no cotidiano das comunidades às quais encontram-se inseridas.

A construção do conhecimento pode ser realizada em diferentes sentidos, sendo, dessa forma, determinada universalmente e relacionada ao tempo histórico, à cultura e ao processo de aprendizado de cada sujeito, considera Werneck (2013) cabe ressaltar a ideia de Dewey (2010, p.150) ao afirmar que “todo ser humano nasce ativo e com energia para a vida, dotado de uma impulsão para se desenvolver, sobreviver, progredir e conquistar.”

Como toda arte é um processo de tornar o mundo um lugar melhor para se viver, é necessário haver mais arte e mais domínio de suas linguagens para a construção da democracia; um contexto estético e artístico possibilita comunicações poéticas, cujos sentidos e significados são compreendidos no interior de vivências mobilizadoras (DEWEY,2010, p.363).

Enfim, ser professor de Arte significa ser o narrador de uma história que se inicia com o pensar do aluno que intermeia o despertar do senso crítico, do olhar perspicaz e aguçado para a finalização da obra, significa fazer com que eles percebam a realidade, o cotidiano, o contexto, o histórico e a trajetória vivida tanto pelo produtor, quanto pelo produto.

Nesse sentido, as aulas planejadas com este objetivo tendem a possibilitar a formação de cidadãos autônomos, críticos, livres, questionadores, bem como contribuir à formação do senso estético, e a realização de um diálogo entre as Artes e o meio cultural onde elas se encontram. Silva (2017, p;93) sustenta essa ideia ao considerar que

A experiência faz parte do nosso cotidiano. Deve ser percebida e criticada, e, quando proporcionada de modo singular, torna possível a experiência consumatória, que é significada de modo diferenciado das experiências incipientes, pois estas nos passam despercebidas, não nos tocam e não produzem sentido em sua especificidade.

O espaço escolar, desde a criação das diretrizes educacionais, vem sendo considerado um local de desenvolvimento do aluno. Segundo Rodrigues (2021, p.174) “é notório o papel ativo da escola na compreensão de que os saberes escolares não são estáticos, modificando-se ao longo do tempo e do espaço como respostas às diferentes solicitações da sociedade” Portanto, é primordial entender que o ensino da arte, assim como todas as disciplinas curriculares, precisa estar em consonância com o contexto social com o qual está entrelaçado, a fim de atender às necessidades de formação cultural e profissional dos estudantes.

Para tal, é preciso manter uma estrutura que possibilite o pensar e o conviver resultando no crescimento do indivíduo pensante e crítico. Rocha (2021, p.7) ressalta que “a identidade da criança é construída pelas suas experiências e pela sua capacidade de receber novos conhecimentos”, a associação entre desses elos é feita pelo professor em um local que lhe permita a dinâmica educacional, criando situações desafiadoras em ambientes que “as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural”.

Essas orientações vêm abrindo margem para uma pedagogia nomeada construtivista, que se trata de uma visão fundamentada por Jean Piaget (2011) que discute possibilidades cognitivas do indivíduo no processo de interação com pessoas ou com elementos que compõe o seu meio, na qual o professor não é mais a figura principal do processo e nem é o detentor de todo saber pois, ele deve ser além de tudo um mediador, ou seja, proporcionar momentos e situações para a aprendizagem.

2. PROJETO ARTISTA NA ESCOLA

A ideia de desenvolver uma atividade dinâmica com o artista Sinval de Carvalho e os alunos do ensino fundamental, aconteceu depois de assistir as aulas de mestrado do professor João Agreli, na disciplina de Arte e Hibridismo, onde pude perceber a riqueza que é uma aula em que artistas, professor e alunos compartilham experiências singulares que realmente funcionaram nas escolas. Trabalhar com projetos de Arte nos possibilita uma aproximação com uma prática mais significativa e um conhecimento mais sistematizado com um ensino de qualidade para o educando.

Visando esse canal de comunicação entre o artista e a escola, resolvi convidar o citado artista para mostrar aos alunos em várias aulas a importância de suas criações, o que significa para a cultura local de nossa cidade e todo o potencial criador do artista.

Escolher levar o artista na escola fundamentou-se na teoria educativa de Jean Piaget (2011), pois, segundo esse teórico pedagógico, todo sujeito busca adaptar-se ao meio em que vive e modifica esse meio por ações ao mesmo tempo em que se modifica à medida em que com o meio interage. Dessa forma, a relação da criança com todos os instrumentos que o meio lhe proporciona possibilita o seu desenvolvimento cognitivo (PIAGET, 2011). Logo, a interação entre o artista e a criança torna-se uma prerrogativa valiosa para aquisição do conhecimento de que a arte não se fundamenta exclusivamente na criação de imagens éticas e padronizadas.

Dessa forma, é imprescindível que os conhecimentos adquiridos no decorrer da existência plural e multisetorial de um ser sejam tecidos a partir da percepção que ele tem do mundo, da experiência, da presença. Tal prática da interpretação, do decifrar cognitivo merece atenção prioritária no que diz respeito “a atribuir sentido aos objetos e nessa atribuição suspender a criação de sensações e entendimentos”, esclarece Gumbrecht (2015, p.35)

O artista Sinval, ao demonstrar sua arte durante a dinâmica na escola, desempenha o papel de mediador entre os alunos e suas criações, ao conseguir aflorar nos artistas mirins a criatividade como consequência de sua vivência. Por isso, nosso convidado ter aceitado ministrar um dia de arte na escola com alunos das séries que leciono, ensinando-lhes a técnica da modelagem em argila a partir de

monumentos da nossa cidade e como também os animais esculpidos representando o nosso belíssimo Parque Nacional das Emas, foi fundamental para que as crianças se conectassem com a arte em sua forma mais simples.

Durante essa dinâmica, os alunos puderam vivenciar todo o processo da manipulação da argila para formação das esculturas e tiveram a oportunidade de entender como se dá a conexão entre o artista e sua experiência de vida, cuja produção artística se dá pela concretização de seus pensamentos e sentimentos, uma vez que o homem é parte integrante do mundo e interage com tudo que o temporiza e caracteriza.

Por conseguinte, culminou em aguçar nas crianças a importância da Arte na vida das pessoas. Segundo Barbosa (2012, p.50)

Arte e seu ensino não é apenas uma questão, mas muitas questões; não um problema, mas inúmeros desafios, uma tensão instalando estados de tensividades entre olhares, buscas e encontros aprofundados, pois Arte é conhecimento a ser construído incessantemente.

Todo comportamento humano se sustenta pelo equilíbrio entre os fatores externos e internos por meio da assimilação de conhecimentos anteriores (familiares e sociais) alinhados às modificações e adaptações ao meio para uma verdadeira compreensão do conhecimento, aborda Gomes (2016). O que significa, de acordo com Piaget (2011, p.31) que

A assimilação e acomodação são processos necessários para a modificabilidade da inteligência, pois a criança passa progressivamente por vários estágios onde observa-se o seu desenvolvimento cognitivo e a sua capacidade de adaptar-se ao meio primitivamente pela inteligência sensório-motora, a qual surge antes mesmo da linguagem e do pensamento por se tratar de uma inteligência prática, sustentada pela manipulação de objetos concretos e pela percepção destes objetos enquanto está presentes na mente. A inteligência não se apresenta como um mecanismo montado e radicalmente diferente dos que o precederam, pelo contrário, apresenta uma continuidade admirável com os processos adquiridos respeitantes à associação habitual e ao reflexo, processos sobre os quais ela se baseia, ao mesmo que tempo que os utiliza.

Diante dessa afirmação torna-se necessário que o professor de Arte trabalhe com as práticas artísticas em sala de aula e compartilhe de fato o conhecimento com o educando, o benefício de se trabalhar com projetos é que possibilitam o ensino-aprendizagem por meio da pesquisa, por esse viés da pesquisa Andrade (1995) defende a educação pela pesquisa, porque possibilita o

desenvolvimento da autonomia e da consciência crítica. Além disso permite que o aluno saia da condição de objeto, aprenda a pensar por si e a construir conhecimento.

Por este motivo é imprescindível a constante busca por novos métodos de ensino da arte. Segundo Ferreira (2001), diante de um desenho por exemplo, é importante considerar as condições e a situação em que ele foi produzido, ou seja, quando propomos trabalhos e práticas artísticas dentro da escola que sejam na disciplina de Arte, temos que ver o espaço que seja especificamente destinado a essas práticas e não somente para “passar o tempo”.

A questão da abordagem teórica de forma contextualizada é compreender que o desenho perderá seu caráter reflexivo e criativo se não estiver voltado à questão da abordagem teórica e só fará sentido para o educando se ancorada por um pensar constante da relação prática/teoria. Rodrigues (2021) corrobora com essa afirmativa e complementa que

O ensino do desenho não tem por fim único, nem mesmo principal, ministrar uma aptidão, que na vida prática é importantíssima, por ser o modo de exprimir ideias com universalidade, clareza, concisão e precisão, que a mais cuidada linguagem, falada ou escrita, está longe de possuir (ROFRIGUES, 2021, p.176).

Por conseguinte, é relevante quando Piaget (2011) considera que o aprendizado só é válido quando o educando participa ativamente do processo de aprendizagem, o que o leva a construir seu conhecimento e não a reproduzir ou repetir mecanicamente o que foi ensinado. Nesse sentido, o professor terá continuidade em sua formação se aperfeiçoar seus conhecimentos de arte não só em cursos de extensão como também na frequência a exposições artísticas.

A proposta de trazer o artista para a escola nas aulas de Arte foi abraçada por todo o corpo escolar, houve é claro uma certa resistência por parte da direção, mas depois que viram que realmente era um trabalho sério e de muito conhecimento, a direção e vários professores se viram totalmente envolvidos pelo projeto, participaram com alegria de cada etapa. Isso me deixou bastante motivada e alegre, o artista mais ainda. Pudemos trazer a rádio local da cidade para cobrir todo o processo, desde a sua apresentação, sua história de vida até a exposição dos trabalhos finais através de exposição realizada na escola.



Figura 1 – Artista plástico Sinval de Carvalho com os alunos do ensino fundamental durante apresentação na escola.

Fonte: Acervo pessoal

Durante a apresentação do artista na escola houve entrevista do artista plástico pelos alunos. Foi um momento de descontração, no qual artista e alunos se sentiram bem à vontade com a sua apresentação, bem como as aulas programadas e organizadas por mim no intuito de trazer algo que não é novo, mas que para a escola e meus alunos significou muito e foi realmente prazeroso e de grande conhecimento.

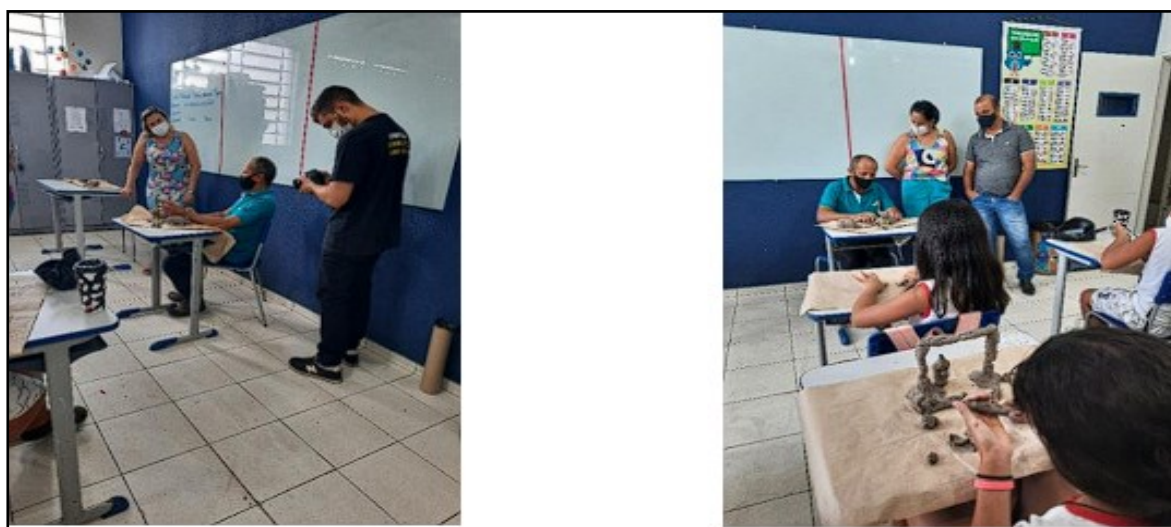


Figura 2 – À esquerda, a Rádio cobrindo a aula. À direita, Sinval com o diretor e a vice diretora da escola.

Fonte: Acervo pessoal

Segundo Rousseau (apud TRINCHÃO, 2019, p.42)

O que importa no ato de desenhar para a criança não é a arte em si, mas para tornar seu olho justo e sua mão flexível e no geral não importa que ela saiba tal ou qual exercício, desde que adquira a perspicácia do sentido e os bons hábitos do corpo que se ganham com o exercício. A criança deve aprender a traçar sempre com o objeto à sua frente, e não devendo fazê-lo nem de memória até que consiga, através de observações frequentes, que suas formas exatas estejam impressas em sua imaginação.

Baseando-se nessas afirmativas consideramos que as técnicas utilizadas pelos alunos para concretizar a experiência vivida com o artista Sinval foram simples, não existindo um padrão a ser seguido, e sim vontade de ensinar algo que realmente fizesse sentido, ancorado a uma proposta didática com várias aulas detalhadas e sequenciais.



Figura 3 – Sinval acompanhando a produção artística dos alunos.
Fonte: Acervo pessoal



Figura 4 – Exposição das esculturas produzidas pelos alunos do ensinofundamental.
Fonte: Acervo pessoal.

Nessa sequência didática, procurando trazer um conhecimento que até então parecia distante para nossos alunos, e ao vivenciarem de perto todo o processo

de construção artística do Sinval, criou-se um espaço cultural de socialização e desenvolvimento, pois o “conhecimento resulta de interações entre sujeito e objeto que são mais ricas do que aquilo que os objetos podem fornecer por eles mesmo” (PIAGET, 2011, p.87).

Ao adentrar no local para organizar o espaço e os materiais utilizados juntamente com o artista, para crianças de 8-9 anos, foi dada a oportunidade de interagirem e participarem com o artista e suas técnicas livremente, a fim de expressarem espontaneamente o que sentiam. Ao se envolverem com filmes sobre o artista, suas explicações durante as aulas práticas, percebemos o olhar dessas crianças, a admiração, a timidez, o medo, a magia.

Os alunos indagaram o artista acerca de sua dedicação à arte, porque esculpir animais, alguns em extinção, espalhados pela nossa cidade, se fazia desenhos antes, como ele se tornou um artista e muitos tantos outros questionamentos que durou cerca de 4 horas num momento mágico e único.

Diante disso é imperativo que o conhecimento não acontece pelas informações que o objeto tem ou pelos ensinamentos repassados pelas pessoas que com as crianças interagem, ele efetiva-se pela ação do educando sobre as informações que efetivamente vivencia.

3. DESENHOS: UMA FORMA DE ENSINAR E APRENDER A ARTE

Neste capítulo exploro os projetos desenvolvidos na escola com a finalidade de ensinar a arte aos alunos do ensino infantil. Neste contexto, inicio o capítulo com uma introdução ao desenho tridimensional ao trabalhar os sólidos geométricos. O conteúdo trabalhado em sala coincidiu com uma data comemorativa muito importante para a cidade, a comemoração dos 89 anos da cidade de Mineiros (Goiás). Dessa forma, todos os desenhos criados foram uma expressão individual de cada aluno para contar a história da criação da cidade aniversariante.



Figura 5 – Desenho da cidade Mineiros, Goiás, pelo aluno de ensino fundamental.
Fonte: Acervo pessoal.

Como método de aprendizado, para externar o que vivenciaram e aprenderam, solicito aos alunos desenhos da cidade onde moram, Mineiros, estado de Goiás, destacando suas casas, ruas, prédios e construções. O ato de desenhar como forma de expressar sentimentos e pensamentos é natural na infância e está interligado ao desenvolvimento da autonomia e da criatividade, destaca SantAna (2019), sendo considerado relevante para o desenvolvimento afetivo, social e intelectual da criança. Através do desenho

As crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente (SANTANA, 2019, p.72).

Moura (2019) considera que, ao trabalhar com as artes visuais, o docente auxilia no amadurecimento da afetividade do aluno e, por conseguinte, permite a interação social da criança no ambiente escolar e familiar. É por meio do desenho, pintura, recorte, colagem, modelagem e informática que a criança manifesta sua linguagem, constrói suas relações com o meio em que vive e fortalece sua motricidade.

Nesse sentido, após estudarmos os sólidos geométricos e a noção de profundidade do desenho, o passo seguinte foi estudar a percepção. Como método de ensino, utilizamos figuras tridimensionais e as rasgamos, aproveitando os materiais escolares que as crianças tinham em mãos, como por exemplo a pasta de carregar as atividades, e explorando a técnica de textura registramos o olhar crítico dos alunos através dos desenhos.



Figura 6 – Técnica de Frotage: formas e cores.
Fonte: Acervo pessoal

Percebam na figura 6 a textura, um controle de videogame sobreposto ao desenho, simbolizando, claramente, uma realidade em tempos de pandemia, onde as crianças tiveram que ficar em casa, isolados do contato físico, tendo no vídeo game uma ferramenta útil de aproximá-los de seus colegas, amigos e familiares.

Esse contato virtual fez crescer a vontade de aproximação presencial e de contato físico, por vezes relatados nos desenhos, em que a vontade era de ir para a escola em primeiro lugar, pois os jogos de videogame e computador já não causava tanto entusiasmo como antes da pandemia.

A partir dos desenhos pensados no bidimensional e desenhados no papel da forma que enxergaram após terem rasgado os sólidos geométricos, a proposta era que eles expandissem para suas vivências pessoais e juntassem elementos de sua imaginação. Nesse momento a criação era o mais importante assim como todo o processo, deixando de pensar somente no produto final, se estava feio, se estava bonito. O importante era deixar fluir com o tema gerador “bidimensional”. Então fomos anotando o que cada um sabia sobre o tema, a partir de algumas perguntas: Vocês entendem quando um desenho é plano?

Se eu abrir aqueles sólidos geométricos, como será que vai ficar? E se eu rasgar em pedaços cada figura o que eu consigo enxergar? Podemos fazer uma composição dessas figuras abertas? É possível juntar outros elementos ao nosso desenho? Vamos ver o que acontece? Os questionamentos eram mais simples de acordo com a série, e envolveram todos os alunos presentes.



Figura 7 – Poéticas e desenho, do aluno Luiz Eduardo.
Fonte: Acervo pessoal

No desenho número 7 o aluno Luiz Eduardo, de 9 anos, com seu desenho de memórias com atravessamentos que trabalhamos em sala de aula, houve a mediação e questionamentos sobre o que mais gostava de brincar, quais eram seus brinquedos favoritos, o que ele mais gostava de fazer quando não estava estudando. Então pedi a ele que juntasse esses elementos em um só desenho, e o resultado foi fantástico, o olho simbolizando a mãe que sempre estava ali para cobrar suas tarefas prontas, a pipa, as flores e as folhas das plantas por retratar os finais de semana na fazenda com seu pai, linhas curvas, sinuosas representando as estradas que

percorriam para chegar à fazenda. E por fim as cores quentes e frias pintadas bem fortes por causa da representatividade de seus desenhos com características marcantes de seu lugar, de seu território. Ao final ele me relatou que quando desenha ele viaja na sua imaginação.

Ribeiro (2001) explica que, cada pessoa tem uma reação diante da realidade que lhe cerca e dos eventos que vivencia, e, em cada circunstância, há possibilidade de construir sua história, sua memória e sua emoção. Sendo assim, a expressividade do ser pode ser através da arte em desenho, em musicalidade, em expressão corporal, fato que Piaquet (2011, p.104) corrobora ao destacar que

O desenho se desenvolve paralelamente a manifestações como o brincar e a linguagem verbal. Nessa perspectiva, a criança, inicialmente, vê no desenho uma ação sobre uma superfície, demonstrando satisfação em “rabiscar” e explorar, descobrindo as cores e novas superfícies, sentindo uma satisfação ao perceber que a sua ação produziu alguns sinais visuais.

A figura 8 mostra exatamente esse envolvimento das crianças com a realidade, em busca do conhecimento, do que é novo. Partindo da desconfiguração dos desenhos tridimensionais, o desafio foi imaginar como ficariam as imagens no plano bidimensional e concretizar essa imaginação através dos desenhos. A composição da forma, a coloração e a disposição das figuras poderiam ser aleatórias.



Figura 8 – Desenho bidimensional dos alunos do ensino fundamental.
Fonte: Acervo pessoal

Neste momento, olhando meu percurso com certo distanciamento, mudando meu lugar para aluna do mestrado, na busca por ser professora-

pesquisadora, retomo as experiências vividas em sala de aula e procuro, agora entender melhor qual a relevância do uso de projetos no ensino de arte.

Sinto que falta um aprofundamento em relação a essa metodologia de ensino, tanto para o desenvolvimento dos educandos quanto para professores de ensino da rede municipal e estadual; esse crescimento para ambos é significativo e de total importância para as aulas acontecerem de forma a desenvolver uma aprendizagem pautada na contextualização e o fazer artístico.

O desenho e a história estão intimamente relacionados em uma dimensão processual e cotidiana na vida do homem, pois, desde a pré-história até a idade contemporânea, pode-se perceber que o ser humano se apropria dessa atitude para manifestar valores, sentimentos e momentos do seu dia a dia. Portanto, o ato de desenhar se faz presente em todas os momentos históricos e as múltiplas teorias o conceituam e o apresentam com um aspecto essencial para a manifestação da vida do ser humano, permitindo que ele possa se desenvolver plenamente como indivíduo e como integrante de um corpo social. (MOURA, 2019).

Entretanto, as etapas para a elaboração de um projeto não são de fato regras, o professor pode criar suas próprias etapas, o importante é ter consciência do que se pretende fazer. A problemática central da pesquisa baseia-se nos seguintes questionamentos: É possível desenvolver uma abordagem significativa ao trabalhar o desenho no Ensino Fundamental ou Ensino Médio? Como o desenho vem sendo relevante e relacionado com o ensino? E como trabalhar o conceito teórico “desenho” associado as práticas em sala de aula? A ideia não é criar receitas padronizadas para planejamento escolar e, tão pouco, determinar qual a melhor metodologia de ensino, mas sim, através das pesquisas, contribuir para a formação de professores a partir de conteúdos selecionados e auxiliar num planejamento pedagógico que contemple a estética e as experimentações da arte em sala de aula.

“Enquanto professores estamos constantemente em formação. É bom que o professor tenha vivências artísticas isso [...] implica uma postura criativa, seja qual for a natureza da atividade.” (DERDIK, 2020, p.18). O professor de Arte que tem habilidades e experiências com a linguagem do desenho dispõe de maior desenvoltura ao ministrar conteúdo didático em sala de aula. Essas vivências vão levando os discentes ao seu próprio processo, conhecendo experiências singulares do desenvolvimento de desenhos. Ao final do processo, o aluno não precisa se tornar um desenhista, não precisa gostar de desenhar, pode ter preferência por outras

atividades, mas deve ser dada a oportunidade para que ele conheça a linguagem. Resumindo: não basta saber desenhar, o desafio é saber “como se ensina a desenhar”.

Hoje a linguagem do desenho pode se tornar um recurso didático de alta eficiência, principalmente através das modernidades que circulam pelas salas de aula, como os aparelhos celulares, por exemplo, que se tornou o número um do canal de comunicação entre todos nessa pandemia. E a partir daí criamos possibilidades de produção do desenho e dialogar com outras linguagens da arte, observar todo o processo que será desenvolvido em sala de aula, através de uma contextualização não só de obras e artistas distantes, mas trazer o artista do seu próprio contexto para dentro das escolas.

4. DECOLONIZANDO O ENSINO DE ARTE NA ESCOLA

Não penso nada sobre o “descobrimento” porque o que houve
foi conquista. E, sobre a conquista, meu pensamento em
definitivo é o da recusa.
Paulo Freire (Pedagogia da indignação, 2014).

O ensino de arte no Brasil é caracterizado por uma cultura colonizadora, há muitas décadas impregnando nas pessoas o estilo padronizado e esteticamente perfeito dos riscos e das formas para a conceitualização de belo ou etéreo. De fato, até meados de 1997 ainda existiam os resquícios históricos da arte europeia no ensino brasileiro, subjugado a uma abordagem tecnicista “à livre expressão, à desarticulação dos conhecimentos artísticos ao contexto regional multicultural e à fragmentação em outras disciplinas escolares”, explana Lima (2022, p.10).

A colonização não está limitada às terras e riquezas naturais, ela se expande na instauração da transmissão da cultura e dos valores dos colonizadores àqueles colonizados, causando abafamento da sua diversidade e calando sua voz. Carlini (2019) salienta, ainda, que a História da Arte é construída e articulada nas instituições de ensino fundamentada nas produções europeias e norte americanas,

Não parece sobrar muito espaço para as produções que se dariam fora desses centros hegemônicos (europeu e norte americano) e, quando há, a abordagem que se dá é geralmente orientada a partir das referências advindas desses centros como se as produções que ocorreram nos outros diversos contextos fossem apenas desdobramentos deles. Tal fato aponta para uma forma de construção que se estabeleceu a partir de uma articulação de saber e poder na qual uma dinâmica eurocentrada participaria incisivamente da construção de um discurso histórico que se convencionou e se instituiu na América Latina (CARLINI, 2019, P.265).

Reily (2022), em contrapartida ao contexto padrão de fazer arte, propõe a desconstrução da padronização artística imposta a todos os brasileiros desde o período da colonização. Para a autora, essa desconstrução se inicia na estrutura física da escola, no lugar de carteiras, grama, no lugar de paredes, a criatividade, e para ajudar na composição do papel e lápis, argila, tinta, materiais reciclados, memória ou improviso.

As diretrizes curriculares para a educação básica de ensino da arte, assim como a matriz curricular de Licenciatura em Artes Visuais, advêm de relatos históricos lineares e são integrados às tradições de grande e alta cultura, colaborando com a

cultura hierarquizada da arte, conforme ditou Barbosa (2009, p.39) ao considerar que “os modelos formativos surgem em condições socioculturais, econômicas e pedagógicas particulares”. Não obstante, quando observamos o privilégio da contemplação artística nacional esbarramos no aporte barroco mineiro e modernista da segunda década do século XX, considera Lima (2022).

Com efeito

Os assuntos considerados centrais para um bom desenvolvimento em arte passam a ser definidos por usos arbitrários de cultura como cultura universal e se integrada à pedagogia habitual, tende a predispor e a desempenhar uma função social de legitimação das diferenças sociais. A arbitrariedade se dá no processo de ocultamento da classe que origina essa vertente cultural, e a instituição de ensino, por meio da autoridade que confere à ação pedagógica e aos conteúdos que ela ensina, se apresenta como cultura neutra, promovendo àqueles desprovidos de herança cultural, um ato de violência simbólica (NOGUEIRA, 2017, p.16).

Desse modo, a desconstrução do ensino da arte pode se revelar na prática cotidiana dos docentes, uma vez que possuem a competência necessária para integralizar a arte da cultura consagrada com a arte do artista local. O terreno pedagógico é, para os professores, o local em que podem provocar nos alunos a criatividade, a criticidade e a aproximação do regional, do local. É na sala de aula que o professor pode questionar qual metodologia se aplica àquela prática e quais os resultados que busca. Nesse sentido, não se impõe a crítica absoluta a todos os artistas contemporâneos e universalizados, é o contrário disso, é propor também conhecer artistas e suas obras dentro da cultura e da regionalidade de cada aluno. Nessa proposta, falamos em decolonizar o ensino, decolonizar a cultura.

Decolonização é um termo que se mostra cada vez mais evidente nos estudos de arte nas instituições de ensino. A decolonização do ensino é um movimento que visa semear pluralidade e democratização nas escolas pois incita em mudança curricular da pedagogia, bem como das produções e práticas dos saberes. A expansão europeia, que se iniciou com as grandes navegações nos séculos XV e XVI, teve como característica principal a ideia de centralização da cultura produzida na Europa e imposta a todos os outros países que não se faziam condizentes com o padrão imposto pelo eurocentrismo (MOURA, 2018).

Desse fato insurge a visão universal no sentido singular e único de uma única região do globo ser a matriz para as produções artísticas, culturais, científicas

de povo e civilização. Não obstante, essa relação operante do colonizador sobre os colonizados torna-se, de fato, um movimento libertador das amarras impostos por estes sobre aqueles. Segundo Castro-Gómez (2015, p.55), o problema do pensamento universal europeu reside no outro.

Assim, tudo que está no outro, que vem do outro, considerado bárbaro, iletrado, despadronizado, cópia imperfeita, não-humano, descivilizado, não pode ser legítimo, é inferior. É preciso problematizar esta construção, virar o espelho para o europeu e fazer refletir a imagem que mostra que o problema não reside no outro, mas na invenção que se faz do outro.

A decolonização da arte integra os diversos conhecimentos, abandonando o padrão e o caminho único do saber, abrindo o leque das possibilidades, permitindo que o professor crie sua própria didática, alinhada aos saberes regionais e folclóricos locais apoiando-se em produções artísticas de artistas mais próximos aos estudantes.

Reily (2022, p.10) expõe que a

Experiência é a palavra-chave para explicar a relação que cada professor estabelece com o grupo, a natureza, a vida em geral; trata-se de uma vivência que ignora escrúpulos racionais, repousando essencialmente no aspecto do afeto, da emoção, da sintonia com o outro. A prática em espaços não usuais gera processos reflexivos por parte dos docentes proponentes das atividades, e mobiliza os alunos a pensarem sobre os sentidos da experiência ali vivenciada.

Falar de decolonização nos remete à dominação dos povos das Américas por nações tradicionalistas e civilizadas do continente europeu, uma história compartilhada pela América Latina e que se apresenta repleta de “saques, golpes e silenciamento”, destaca Carlini (2019, p.263). A decolonização é um processo ainda sutil, cujo objetivo sobressai nas narrativas e manifestações artísticas com o intuito de “explodir e modificar as forças de dominação que as subjugam” (Carlini, 2019, p.264).

Estudar Portinari, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral faz-se necessário para entendermos o caminho percorrido pela cultura brasileira, entretanto, faz-se, da mesma forma necessário, conhecer os artistas locais, como o artista plástico Sinval, sua trajetória e experiência de vida, as aspirações que o levaram à escolha da arte e suas inspirações.

O artista brasileiro Cândido Portinari (1903 – 1960) emergiu em seus trabalhos preocupações como a pobreza, a desigualdade e a exclusão social. Filho de imigrantes italianos, o artista retratou fortemente o deslocamento e a

desterritorialização, expressa em sua obra intitulada “Os retirantes” (1944), a qual foi exposta por alguns artistas contemporâneos por ter a proporcionalidade de tratar da opressão territorial e cultural sofrida pelos latino americanos no processo de “invenção da América Latina”, destaca Moura (2018, p.15).



Figura 9. Os retirantes, do artista Cândido Portinari.
Fonte: MOURA (2019, p;78).

Nesse sentido, reconstruir da dinâmica das manifestações artísticas é, conforme Carlini (2019), uma estratégia eficiente para criticar e inverter a ordem determinada, possibilitando novas afirmativas e novas narrativas.

O’Shea (2018, p.751) explana que

A decolonização é um termo cada vez mais evidente nos estudos da performance e das artes, indicando uma mudança passiva gerada pelo colonialismo, sugerindo que os artistas, os criadores e os estudiosos adotem uma abordagem anti-imperialista no fazer, no ensino e na teoria das artes à luz dos múltiplos aspectos comuns delimitando um novo marco epistemológico que proporciona agenciamento e visibilidade àqueles que buscam uma geo-reconfiguração de tipos diferentes de conhecimento.

No processo de decolonizar é importante entender que o pensamento e as práticas educacionais precisam mudar. Tem uma frase muito comum e pertinente ao texto: “é impossível ter resultados diferentes agindo exatamente da mesma maneira”. Ou seja, é crucial “o argumento de que libertar a mente e permitir que o restante continue como está, é incompleto”, destaca O’Shea (2018, p.755).

Dessa forma, o professor, ao desestabilizar todo o cânone do ensino da arte ao apresentar ao aluno diferentes conceitos de expressão artística, uma gama de

cultura e um leque de produção, cada qual com sua estética, torna-se um decolonizador de mentes, propiciando espaços para que o aluno possa empreender suas ideias adquiridas no processo, é o aluno tendo autonomia de seu aprendizado, enquanto sujeito e não objeto.

Contudo, salienta O’Shea (2018) é imprescindível que a decolonização, além da pluralidade da arte, externe as circunstâncias sociais, políticas e históricas.

Ensinar a Arte nas escolas, nas Universidades e nos centros Acadêmicos vai além dos textos e da sala de aula e corrobora com todas as outras disciplinas ao articular no aluno saberes multidimensionais e que o provocam a pensar e a criticar tudo aquilo que vê e ouve, seja em política, em religião, em qualquer e todo momento de sua existência.

A formação de seres pensantes pode se dar em qualquer lugar, como aconteceu com a mostra Tucumán Arde (1968) nas salas do *Confederación General del Trabajo de los Argentinos* (CGTA), explica Camnitzer (2012, p.91).

Coleções de entrevistas às pessoas, nas quais se descreviam as condições de vida em Tucumán, fotografias murais, e investigações sobre a acumulação de riquezas das famílias mais ricas. Entrando, o público pisava nos nomes dos donos das plantações de açúcar. Se servia café de Tucumán (sem açúcar), e as luzes das salas de exposição se apagavam a cada dez minutos representando a frequência da morte das crianças na cidade. Os feitos foram explicados a cada vez por alto-falantes instalados em cada sala.

Essa mostra aconteceu no museu CGTA e reuniu e divulgou informações escondidas pelo governo a fim de omitir fatos relevantes aos argentinos, durante o regime autoritário do general Onganía, as quais poderiam provocar problemas para a manutenção de uma ordem estabelecida.



Figura 10. Abertura da mostra a Tucumán Arde nas salas da CGTA – *Confederación General del Trabajo de los Argentinos*, 1968.

Fonte: <http://www.rosariarte.com.ar/contenidos/index.php?op=nota&nid=0002&pn=2>. Acesso em: 20 de set de 2022.

Moura (2018), em sua narrativa sobre a decolonização da América latina, apresenta imagens de trabalhos de artistas latino americanos de diferentes épocas e que dialogam com o contexto de descentralização universal do pensamento e da arte pois aponta o questionamento central desse movimento. Nesse contexto, o autor apresenta uma perfeita imagem que corrobora com a desconstrução da estética e do pensamento opressor e colonizador da Europa frente à violência epistêmica provocada nos países por ela vitimizados.

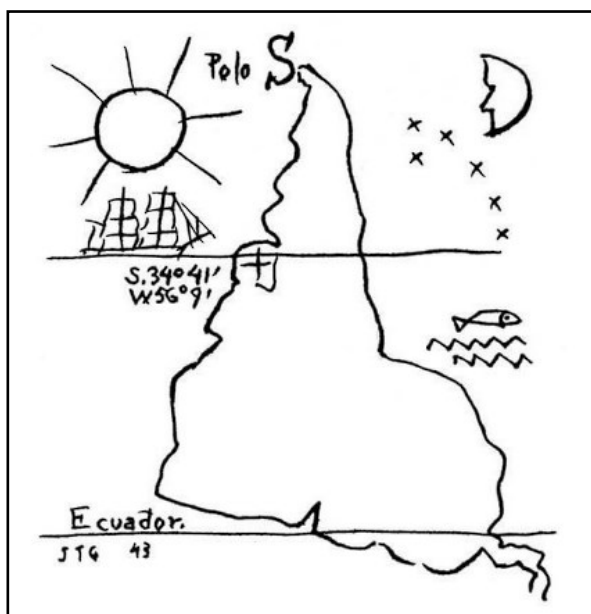


Figura 11. *Nuestro norte es el sur*. América invertida. De Joaquín Torres García. Fonte: Moura, 2018, p.75.

Trata-se do trabalho do artista uruguaio Joaquín Torres García, produzido no ano de 1943 e que recebe o título de *Nuestro norte es el Sur*; América invertida, caracterizando-se como um mapa da América Latina em posição invertida cujo propósito é questionar a construção de padrões estéticos universais colocando os países latino americanos como uma região sobreposta e distorcida pelo espelho eurocêntrico (MOURA, 2018).

É imprescindível salientar que o ensino de artes pode atuar não somente para transformar a construção do pensamento do aluno, pertinente ao seu desenvolvimento, como também, propiciar o seu desenvolvimento sociocultural,

intentando à autonomia e à sensibilidade artística. Barbosa (2009, p.41) explica que na pedagogia tradicional, determinada pela Academia de Belas Artes no Brasil, desde o século XIX e ativa ainda hoje, considera que a “educação que induz a acreditar que os indivíduos são libertados pelos conhecimentos adquiridos na escola e podem, por isso, organizar com sucesso uma sociedade mais democrática”. Alves (2021, p;4) ressalta o quanto é fundamental a importância do ensino de artes para o desenvolvimento intelectual da criança ao explicar que

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: O aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Ou seja, o aluno pode utilizar-se da linguagem artística para expressar a maneira como compreende o mundo, suas emoções, anseios, de acordo com sua vivência com tudo e todos ao seu entorno. Nesse processo, é evidente o papel fundamental do professor como mediador do conhecimento, não obstante, esse processo precisa passar por modificações a fim de atender o panorama atual da educação infantil para que efetivamente se coloque em prática a legislação educacional para valorização do ensino das artes como área de conhecimento, pertinente à construção e desenvolvimento de cidadãos críticos e autônomos.

Segundo Barbosa (2009, p.41), acreditar que a educação e o conhecimento podem ser libertadores e construtores de cidadãos críticos pode ser um erro, uma vez que “o sistema educacional é um dos sistemas que compõem a sociedade, é um sistema entre outros, dependente portanto de uma vasta rede de interesses e valores.

É importante salientar que a educação sistêmica, fundida em pilares de educação formadora de pessoas aptas ao mercado de trabalho, ou seja, uma educação baseada na produção em si, perdeu forças no processo educativo no início do século XX, com o advento da Escola Nova, destaca Barbosa (2009).

Portanto, com as novas metodologias de ensino da arte, o intelecto, a lógica, o diretivismo e a quantidade de produto voltam-se para concepções antagônicas as quais afloram no contexto brasileiro a fim de justificar a arte na educação contribuinte para a formação de uma sociedade mais humana.

De acordo com Saviani (apud BARBOSA, 2011, p.43), a pedagogia da Escola Nova faz um deslocamento de eixo, invertendo os valores pregados pela escola tradicional, o que

deslocou o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretividade; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental, baseada, principalmente, nas contribuições da Biologia e da Psicologia.

A mudança observada torna-se fundamental para a reconstrução do ensino da arte nas salas de aula, promovendo nos alunos inspirações que permeiam novas categorias de arte, novos traçados, novas bases artísticas.

Desse fato evidencia-se a criação de arte inspirada em seres do bioma regional, como bem exemplificado por Sinval em seu momento de construção artística com os alunos do ensino fundamental, visto que, nesse processo construtivo, o foco do ensino da arte decentraliza no produto e centraliza no processo, justificando-se pela “importância da arte na educação não pela arte em si, mas pelo que ela contribui para a educação integral” do aluno.



Figura 12 – À esquerda, exemplar da fauna nativa do Parque Nacional das Emas em Mineiros, estado de Goiás. À direita, desenho do aluno do ensino fundamental, representando alguns espécimes nativo do Parque Nacional das Emas.

Fonte: Acervo pessoal

Abranger novos horizontes como instrumentos de inspiração para a concretização da arte é inovador e faz-se essencial para a vivência de experiências e expansividade do conhecimento em si. Portanto, conectar o aluno com o bioma

regional, por exemplo, é determinante para processo educativo baseado na autoexpressão, destaca Aguirre (2005) e complementa que

Os conceitos chaves dessa educação expansiva são: liberdade, sensibilidade, originalidade, criatividade, naturalidade, espontaneidade, imaginação e genialidade, em que cada qual abre um universo de possibilidades educativas que são de certa forma difíceis de mesurar (AGUIRRE, 2005, p.219).

Entender as manifestações artísticas que acontecem em outras regiões e até mesmo em outros países é fator relevante para abranger o conhecimento sobre a arte, mesmo porque, as manifestações artísticas são, em sua maioria, traduções de uma realidade e de um fato histórico vivido. Entretanto, é também relevante que o aluno tenha conhecimento de artistas regionais para que, assim, possa integrar-se à cultura de sua cidade e ter a regionalidade impressa em seu crescer. Assim expressa Souza (2018, p.11) ao destacar que

Os Parâmetros Curriculares Nacionais não especificam nenhum nome a ser estudado, mas eleva o fato de ser necessário a abordagem do cotidiano vivido pelos/pelas estudantes, as práticas culturais locais, o ambiente em que o/a mesmo/a vive, de que experiências compartilha e de que forma usa tais para interagir no ambiente escolar e fora dele sendo, pois, papel da escola incluir as informações sobre a arte produzida e recebida nos âmbitos regional, nacional e internacional.

Dessa afirmação é possível questionar-se qual abordagem metodológica proporcionará a reflexão da cultura local possibilitando que o professor estude os artistas locais em sala de aula, uma vez que os livros e materiais didáticos disponibilizados para o ensino da arte trazem o conhecimento de âmbito nacional, expões Sousa (2018).

Dessa questão, Pilotto (2008, p.45) se posiciona ao considerar que “a contextualização da obra de arte precisa estar fundamentada nos contextos sociais e culturais para que possam refletir no ambiente vivido pelo aluno”, desse modo, trabalhar as obras do artista local em sala de aula, em uma perspectiva presencial e íntima, com questões específicas sobre o que norteiam o artista em sua produção pode ser um modelo eficaz de metodologia de ensino a ser empregada pelos professores.

Sendo assim, é plausível considerar o professor de arte um mediador cultural, pois este tem a capacidade de intermediar uma exposição de obras regionais

e aguçar o interesse e a percepção do aluno quanto ao conhecimento adquirido, “criando uma atmosfera fértil ao debate e à construção de conhecimento compartilhado a partir das descobertas e dos saberes manifestados pelo aluno, ou pelo grupo de alunos, durante a exposição artística”, explica Cunha (2012, p.38).

A manifestação artística, para que seja verdadeiramente reflexiva, precisa estar voltada para a realidade sociocultural em que o aluno está inserido a partir da problematização do conteúdo histórico do lugar em que ele vive, explica Souza (2018). Nesse contexto, a escola, ou melhor, diretores e professores, têm papel primordial na formação e produção artísticas de seus alunos e, para que seja aflorado o conceito de demonstração artística voltada para localidade e contexto social

A escola precisa olhar mais as manifestações culturais em que está inserida e ouvir mais o que os alunos têm a dizer, pois ainda se olha muito pouco a produção dos aprendizes; ainda escuta-se muito pouco o que eles têm a dizer. A produção artística deve estar relacionada com o ambiente vivido pelos estudantes, já que não é possível o desenvolvimento de uma cultura sem o desenvolvimento de suas formas artísticas. Quanto ao professor, somente sua ação inteligente e empática pode tornar a arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação. (BARBOSA, 2009, p. 5).

Corroborando com a reflexão do autor é justificável refletir sobre a prática educacional como mediação da contextualização e formação de conhecimento. Nessa situação, uma opção positiva é realizar com os alunos uma excursão em um parque da cidade, e estreitar a relação entre os alunos e os seres daquele parque, tanto da flora quanto da fauna. Essa integração produz a memorização do que foi aprendido e abrange o entendimento de que o aluno é parte do todo sendo a ele permitido dispor-se da arte para expressar seu sentimento, sua experiência e sua contextualização social.



Figura 13 – Parque Nacional das Emas em Mineiros, estado de Goiás.
Fonte: Acervo pessoal

A figura 12 são fotos de acervo pessoal do passeio realizado com os alunos no Parque Nacional das Emas, em Mineiros. Esse passeio foi realizado a fim de aproximar os alunos com o contexto natural do ambiente que o cerca e estreitar o laço entre conhecimento prático e artístico.

Localizado no sudoeste de Goiás e abrangendo os municípios de Mineiros e Chapadão do Céu, além de uma pequena parte do território do Mato Grosso do Sul, o Parque Nacional das Emas é uma área de 133 mil hectares de conservação do bioma cerrado do Brasil. Ao visitar o parque o visitante se depara com campos verdes e chapadões cujas trilhas revelam animais nativos do local como emas, lobinhos, tamanduá bandeira, cachorro do mato, lobo guará, tatu e veados, emas, seriemas, gaviões, falcões, corujas, araras, papagaios e muito mais além do rio Formoso, de grande importância para a bacia hidrográfica brasileira (COSTARICA.MS.GOV.BR).

Outra grande atração do Parque Nacional das Emas é a bioluminescência dos cupinzeiros, um fenômeno natural raro restrito ao Brasil em que pontos de luz fluorescente de cor esverdeada irradiam de dentro de cupinzeiros ao anoitecer. A luz é produzida por larvas de vaga-lumes como forma de atrair insetos. O fenômeno

acontece logo depois das primeiras chuvas pós período de seca, geralmente no mês de outubro a janeiro (COSTARICA.MS.GOV.BR).



Figura 14 – Demonstração artísticas dos alunos de ensino fundamental utilizando-se do desenho para expressar a percepção individual do Parque das Emas.

Fonte: Acervo pessoal

Na figura 13 temos a produção artística individualizada e baseada em experiências e sentimentos. A partir dos desenhos de diferentes alunos constatamos como a realidade pode ser vivida de diferentes ângulos e manifestações de cores e formas. Considera-se verdadeiro, portanto, a afirmativa de que a arte está no artista ou seja, padronizar a obra de arte é impossibilitar que o artista seja individual, crítico e consciente de seu papel na sociedade, pois “a arte se manifesta na relação do homem com o mundo, e a partir desta ação o homem interpreta e constrói novas possibilidades” (BARBOSA, 2009, p.52).

Considerar o processo na educação é, também, valorizar o crescimento e desenvolvimento do

outro, permitindo que este vivencie, experimente, acerte, erre, e tire as suas próprias conclusões. O contrário disso seria a imposição de uma experiência vivida ou contada, simplesmente transmitida aos estudantes, sem que estes se apropriem consistentemente do aprendizado, impedindo, assim, a consolidação da autonomia do educando (CHAVEIRO, 2018, p.17).

A arte na educação tem por objetivo propiciar uma relação mais consciente do aluno com o mundo em que vive, para que possa se tornar um sujeito crítico e criativo contribuindo para transformação da sociedade. Por conseguinte, a prática da arte na educação deve se vincular a situações que impulsionem suas possibilidades e o ajude a lidar com frustrações, incertezas, problemas e desafios (Ferraz e Fusari, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na minha vida desde que era bem pequena, até me tornar uma professora de Arte, procurava neste universo da arte buscar formas diferentes de me expressar, de despertar a criatividade, a sensibilidade estética em cada aula ministrada e principalmente aguçar nos educandos o prazer de fazer e entender a arte. Como professora de arte, sempre tive muitas dúvidas e anseios em relação aos modos de como minhas práticas em sala de aula e inquietações que me moviam sobre a aprendizagem que realmente fizesse sentido aos meus alunos.

E foi com essa vontade de passar tudo que sabia da arte relatando minhas experiências enquanto aluna, passando a ter um novo olhar, um novo aprendizado, iniciado na minha infância, até quando me torno adulta, surgiu a necessidade de cursar a faculdade de Arte, e posteriormente ingressar no mestrado. Assim sendo percebi o quanto o desenho na vida, principalmente das crianças, tem um significado único em seu universo. E que é preciosa ao ser trabalhada a criação, sobretudo em seu sentido mais significativo e mais profundo.

A posição dos autores Gislene Cristina Alves, Ana Mae Barbosa, Sabrina de Fátima Chaveiro, Diana Kelly Camargo Cunha, John Dewey, Edith Derdyk, Sueli Ferreira, utilizados como referências para a construção desse trabalho nos mostraram a possibilidade de novos caminhos que possam ser implementados na formação de um novo ensino do desenho nas instituições educacionais que possam levar o conhecimento do aluno para além do reducionismo da aprendizagem técnica e restritiva da livre expressão artística.

É possível compreender que o desenho tem participação fundamental na formação do indivíduo, uma vez que aflora no aluno sua marca pessoal por meio da diversidade cultural, sendo que a origem do desenho deve ser reconhecida em cada contexto que foi criada assim como na singularidade de quem o criou. Dessa forma, através da arte e da produção artística individual o professor exprime de seus alunos a percepção do meio que o cerca e todas as peculiaridades que o contemplam, ascendendo no aluno a democratização dos pensamentos bem como o respeito às diferenças.

Considero que o objetivo da pesquisa, investigar a educação e a arte por meio do desenho em sala de aula: uma proposta didática para o 3º ano fundamental

e ensino médio, trazendo o artista local Sinval de Carvalho, em ambiente escolar foi alcançada. O espaço escolar possibilitou que as crianças vivenciassem de forma mais completa e qualitativa, com possibilidades criativas, todos os participantes se mostraram envolvidos e participativos no processo de criação de arte.

A proposta de trazer o artista para o ambiente escolar não é algo novo, nem uma receita a ser seguida, mas a saber uma proposta didática valiosa, em que o educando irá construir através de informações e práticas reais, explorando objetos da linguagem visual. E nessa perspectiva, os educandos puderam manusear materiais diversos, visualizar as técnicas mais de perto, questionar como fazer arte sem usar de estereótipos. Entender a identidade, o seu meio cultural, e através disso construir uma relação cultural com a arte e todo o processo individual que envolve a sensibilidade do ser humano.

A metodologia da pesquisa modificou e impulsionou as minhas práticas educativas, juntamente com o artista local Sinval, convidado, da nossa cidade de Mineiros-Goiás, mostrar esse universo encantador da arte e trazer para mais perto aquilo que as crianças não conheciam, ou nunca vivenciaram, que ali naquele ambiente da arte do artista, as crianças passaram a desenvolver atividades e criar os seus próprios desenhos suas próprias esculturas. Contudo para obter um bom resultado, é necessário conhecer e apreciar o que os alunos trazem de experiências do ambiente familiar e o que elas conhecem sobre desenho e como o artista busca sua inspiração.

Nas minhas experiências como aluna, e depois como professora de arte, uma das minhas inquietações era como fazer chegar a arte através de desenhos artísticos? Como planejar a aula criando condições para que o aluno fosse motivado pelo estudo? Despertar o senso crítico?

Não me interessava ser mais uma professora de arte em meio a um sistema educacional falho, que não oferece condições materiais e estruturais para que a aula seja ministrada. Meu real anseio é que meus colegas docentes estejam devidamente preparados para a aula de arte, proporcionando a construção do saber e formação do indivíduo enquanto engrenagem necessária e importante no maquinário sociedade.

O segundo ponto refere-se, principalmente, a instituição educacional, pequeno, sem conforto ou qualquer mobiliário e ornamentação que motivem e incentivem o despertar do aluno para a arte e produção artística. O que remete ao terceiro ponto, a falta de políticas públicas que estimule o professorado a arquitetar

uma aula dinâmica, animada e que fomente o interesse do aprendiz. O que de fato muitas vezes acontece são aulas de 50 minutos, sem qualquer valorização da entidade governamental e que está presente na grade de aulas da escola apenas para cumprir um currículo mínimo de conteúdos, considerado por alguns educadores como passa tempo.

Na aula em que houve contato com o artista Sinval percebemos o aprimoramento dos alunos ao se apropriarem das diversas linguagens, aguçando a imaginação, fantasias, e principalmente a vontade criarem seu próprio desenho e escultura. Foi fantástico o processo desde o seu início até chegar no seu produto final, que sabemos que este não é o mais importante na arte, mas são as possibilidades de construção, partindo das próprias crianças, de suas vivências, na direção de ampliar e formular suas próprias interpretações.

Ou seja, a linguagem do desenho, da escultura, faz parte da sua rotina, é preciso cada vez mais que as crianças tenham acesso, para isso é preciso que nós professores criemos esse ambiente artístico nas escolas, com o apoio é claro de todo o corpo docente, todos envolvidos em um processo, atraindo olhares e propiciando experiências únicas e espontâneas.

Em relação as práticas desenvolvidas, saliento que os dados apresentados se concentram na participação das crianças, ações, questionamentos, e no fazer artístico com desprendimento, criatividade e espontaneidade. Minha questão primeira foi investigar a importância das materialidades, o contato com o artista, o olhar para a arte com a construção de saberes e práticas significativas. Percebi que a forma como foi passada aos alunos, principalmente na linguagem do desenho, os deixaram mais seguros e confortáveis para criarem com mais liberdade de expressão, e nesse sentido trouxemos também e demos oportunidade a elas de trazer assuntos que nem sempre são conversados no âmbito familiar ou até mesmo escolar.

Durante várias rodas de conversas entre os professores, os alunos e o artista, sentados ao chão, em círculo, através da mediação, possibilitou a troca de experiências e assuntos dos mais diversos como, mães que trabalham e não tem tempo para seus filhos, dos sonhos e objetivos de que cada um, como a família é importante enquanto alicerce na formação do indivíduo.

Depois desse momento de aprendizado, passamos para o segundo momento das práticas que foi das crianças fazerem seus desenhos da forma como quisessem das imagens vivenciadas, do próprio artista construindo suas esculturas,

explicando todos os processos. Foi um momento inesquecível, ninguém quis copiar do outro, ali o pensamento criativo foi trabalhado com eles, fizeram vários desenhos do nosso belíssimo Parque Nacional da Emas, esculpiram animais, estátuas da nossa cidade, e por fim fizemos a nossa exposição com diários de bordo, desenhos e esculturas.

Retomando a pergunta que me trouxe até aqui: Como utilizar novas metodologias pedagógicas que possam orientar o aluno no aprendizado da arte, e de como o professor possa aguçar os seus sentidos, ampliar a sua criatividade, e também não ter que ouvir sempre em sala de aula: “eu não sei desenhar”, observando uma certa carência ainda no tocante às práticas e abordagens, aprendi que que é papel do docente ouvir os anseios das crianças, dar voz por meio da participação direta nas atividades.

É fundamental que as crianças vivenciem a arte e coloquem a “mão na massa”, trazendo possibilidades de projetos instigantes que possam expressar sentimentos, falas, nas experiências criadas ali naquele espaço escolar ou até mesmo fora dele, e nesses espaços, a criança cria e aprende a partir do ambiente, possibilitando novas experiências e novos significados. E esse projeto em específico fica aqui registrado a intenção de servir de apoio e construção de novos projetos que vão auxiliar professores de arte e trabalhos de forma interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Imanol. **Teorías y prácticas en educación artística**. Barcelona: Octaedro, 2005.

ALVES, Gislene Cristina. **As mudanças e transformações do ensino de artes visuais na educação infantil na rede pública municipal da cidade de Conselheiro Lafaiete**. 2021. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização em Ensino de Artes Visuais – Programa de Pós Graduação em Artes da Escola de Belas Artes – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pósgraduação: noções práticas**. São Paulo: Atlas, 1995.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Ensino da arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos**. São Paulo: UNESP, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho: educadores, política e história**/Ana Mae Barbosa-São Paulo: Cortez, 2015.

BRASIL, **A Base Nacional Comum Curricular**. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, seção 1, Pág. 146. Brasília:MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacional.com.mec.gov.br/wpcontent/uploads/201802/bncc-2020-dezsite.pdf>. Acesso em 01 de janeiro de 2022.

CAMNITZER, Luis. **Didáctica de la liberación: arte conceptualista latinoamericano**. Bogotá: Fundación Gilberto Álzate Avendaño, Instituto Distrital de las Artes – IDARTES, 2012

CARLINI, Lara Carpanedo. **A produção de resistência das práticas conceitualistas latino-americanas**: uma perspectiva decolonial sobre o estudo da arte. Revista Concinnitas, v.20, n.35, 2019.

<https://doi.org/10.12957/concinnitas.2019.44883>

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La postcolonialidad explicada a los niños**. Popayán, Colômbia: Editorial Universidad del Cauca. Instituto Pensar, Universidad Javeriana, 2005.

CHAVEIRO, Sabrina de Fátima. **As práticas de arte como indutora de ações pedagógicas**. 2018. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, 2018.

CUNHA, Diana Kelly Camargo. **A Arte de Criar Novos Possíveis: formação e atuação dos mediadores culturais na Ação Educativa da Exposição Séculos Indígenas no Brasil**. 2012. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Pedagogia da Arte) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DERDYK, Edith, **Formas de Pensar o desenho**. 3.ed.-São Paulo: Panda Educação, 2020.

FERRAZ, Maria Heloísa C.de T., FUSARI Maria F. De Rezende. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e peoposições. São Paulo, 2009.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papiros, 2011.

FREITAS, Maria de Mello. **Concepções docentes sobre o ensino de arte nos anos iniciais do ensino fundamental em Jaguarão**. 2014. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Pedagogia – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso Amplo Presente**: o tempo e a cultura contemporânea. Tradução de Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GUIMARÃES, Leda Maria de Barros CHAUD, Eliane Maria, MARTINS, Alice Fátima, Módulo 7: **Atelier de Artes Visuais 1** Rio de Janeiro: Duo Print, 2009 72.p

HERNÁNDEZ, Fernando. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

LIMA, Camila Bourguignon de. **The artistic competence of visual arts teacher case study in Ponta Grossa (Paraná)**. SciELO Preprints, 2022. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3786>>. Acesso em: 14 out. de 2022.

LOSADA, Terezinha Maria. **A interpretação da imagem: subsídios para o ensino de arte**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2001.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço de desenho do educador**. São Paulo: Loyola, 1991.

MOURA, Eduardo Junio Santos. **Des/obediência na de/colonialidade da formação docente em arte na América Latina (Brasil/Colômbia)**. 2018. 215f. Tese (Doutorado em políticas públicas e formação docente) – Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
<https://doi.org/10.22456/2357-9854.92905>

MOURA, Eliane Maria Fogliarini. **A importância das artes visuais na aprendizagem das crianças**. Revista APOTHEKE, v.5, n.3, 2019. p. 93-105.
<https://doi.org/10.5965/24471267532019093>

NOGUEIRA, Maria Alice. **Arbitrário Cultural no vocabulário Bordieu**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

OSTROWER, Fayga, **Criatividade e processo de criação**. Fayga Ostrower. 30 ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

O'SHEA, Janet. - **Decolonizar o Currículo? Possibilidades para desestabilizar a formação em performance**. Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 8, n. 4, 2018. p. 750-762. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbep/a/9dHtKN/pt>>. Acesso em: 20 de set de 2022.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, imagem e representação**. Tradução: Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **A arte e seu ensino na contemporaneidade**. In. Ensaio em torno da arte / Sandra Makowiecky, Sandra Ramalho e Oliveira (Orgs.). Chapecó: Argos, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE COSTA RICA. COSTARICA.MS.GOV.BR. Parque Nacional das Emas. Disponível em: <<https://www.costarica.ms.gov.br/portal/turismo/0/9/6/parque-nacional-das-emas>>. Acesso em: 22 de dez de 2022.

QUINTANILHA, Denise Penna. **O ensino da arte nas escolas municipais de Presidente Prudente: diretrizes políticas e o trabalho docente**. 2012. 145f. Dissertação (Mestre em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

REILY, Lúcia. **Arte e ensino em espaços plurais**. Caderno CEDES, v.42, n.116. 2022. Apresentação. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/T34nvRz8ZpFvLxGqSRXmFTb/#>>. Acesso em 14 de out de 2022.
<https://doi.org/10.1590/cc259053>

RIBEIRO, Maria Izabel Souza. **A interação no cotidiano da sala de aula como mediação do envolvimento/implicação dos alunos nas atividades curriculares**: um estudo em educação infantil. 2001. 184f. Dissertação (Mestre em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

ROCHA, Luiz Renato da Silva. **Musicalização na educação infantil: um olhar para além do entretenimento**. Scielo Preprints, 2021. Disponível em: <[file:///C:/Users/Love/Downloads/RENATO+2+Artigo+2021%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Love/Downloads/RENATO+2+Artigo+2021%20(2).pdf)>. Acesso em: 12 de abril de 2022. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2825>

RODRIGUES, Alexandra. **O desenho, uma disciplina de preparação para uma profissão**. Caderno Cedes, v.41, n.115, 2021. p. 168-184.
<https://doi.org/10.1590/cc245710>

SANTANA, Wallace Pereira. **O valor histórico do desenho e sua importância para o desenvolvimento da criança**. Mediação, v.14, n.1, 2019. p. 70-8.

SILVA, Ricardo Francelino. **As emoções e sentimentos na relação professor-aluno e sua importância para o processo de ensino e aprendizagem**: contribuições da teoria de Henri Wallon. 2017. 165f. Dissertação (Mestre em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

SILVA, Tharciana Goulart. **Reflexões sobre a abordagem triangular no ensino básico de artes visuais no contexto brasileiro**. Revista matéria prima, v.5, n. 1, 2020. p. 88-95.

SOUZA, Maria. **Arte e educação: o contexto local e a prática em sala de aula**. Disponível em: <<https://www.unochapeco.edu.br/artes-visuais/artigo-publicado-no-1o-congresso-nacional-de-educacao-de-abelardo-luz-novos-olhares-sobre-os-desafios-da-educacao-pela-egressa-maria-de-souza-em-conjunto-com-angelica-bort>>. Acesso em: 24 de nov de 2022.

SUBTIL, MJD. **Marxismo, arte e educação: as potencialidades de humanização pela educação artística**. In: SCHLESENER, AH., MASSON, G., and SUBTIL, MJD, orgs. *Marxismo(s) & educação* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, p. 207-225. <https://doi.org/10.7476/9788577982110.0010>

TEIVELIS, Vitória. **Territórios do encontro: ação empática na educação**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. **O papel social do desenho na formação do homem no novo oitocentista**. Educar em revista, v.35, n.73, 2019. p.33-48. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.62766>

WERNECK, Vera Rudge. **Sobre o processo de construção do conhecimento: o papel do ensino e da pesquisa**. Ensaio: aval. pol. publ. Educ, v.14, n.51, 2006, p.173 – 196. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000200003>

ANEXOS

Anexo 1 – Planejamento semanal de aula

Professora	Núbia de Sousa Silva	
Período Semanal	21/02/2022 a 25/02/2022	
Segmento	Ensino Fundamental I	
Componente curricular da BNCC	Arte	
Sequência didática e tema	Vivendo valores na escola	
Série: 3	Turma G	Turno: vespertino

DATA: 21/02/2023	DIA DA SEMANA: segunda feira
COMPONENTE CURRICULAR: ARTE	
Campo de atuação	ARTES VISUAIS/ARTE

Objetos do conhecimento/Conteúdos
DESENHO E ESCULTURA
HABILIDADES
(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

DESENVOLVIMENTO DA AULA
<p>Acolhida e oração, visita do artista Sinval de Carvalho a Escola Municipal Maria Eduarda Condinho Filgueiras, entrevista dos alunos em uma conversa informal com o artista.</p> <p>Logo após mediação do artista das suas inspirações e práticas artísticas, em um processo individual, para o aluno expressar suas ideias no desenho e na escultura, primeiro usando o chão da própria sala para a criação dos desenhos das esculturas citadas pelo artista, após isso passamos para a escultura feita pelos alunos com a mediação e intervenção da professora e do Sinval de Carvalho, aproveitando todo o processo de criação de vivências com o artista.</p> <p>Após, uma aula explicativa de como fazer desenhos bidimensionais, tridimensionais, utilizando-se da técnica de rasgação de figuras.</p> <p>Aproveitando materiais escolares como a pasta de guardar as tarefas, os estudantes fizeram experiências com texturas, cores diversas, materiais diversos e composições, juntando elementos do seu próprio cotidiano e vivências. Nesse processo de construção, levando em consideração seu meio cultural e sua realidade, as crianças entraram no mundo da criação, imaginação e percepção estética do que foi trabalhado em todo o processo de criação, possibilitando assim um contato mais próximo da arte com o artista local da cidade de Mineiros Goiás.</p> <p>Após a criação dos desenhos, fomos assistir vídeos e documentários do Parque Nacional das Emas situado em nossa região, bastante conhecido e visitado pela</p>

população e que serve de inspiração para que o artista crie suas esculturas, onde retrato animais em extinção, plantas nativas da região e conectando o aluno com o bioma regional, após os alunos puderam abranger novos horizontes e possibilidades de criação dos desenhos. Essa integração com o lido e o vivido, produz a memorização do que foi aprendido e abrange o entendimento de que o aluno é parte do todo, sua experiência e sua contextualização social se complementam trazendo atravessamentos na arte.

Recursos: Papel pardo, argila, datashow, papel branco kraft, canetinhas, giz de cera, pasta de guardar tarefas, tinta, pincel, quadro branco, entrevistas, filmagens, celular, câmera fotográfica, passeio.

Avaliação	Os estudantes serão avaliados em todo o seu processo de criação, com mediações e questionamentos sobre o desenho, e escultura, ao final uma exposição com todas as produções artísticas das crianças